

Paris, noite de Consoada, quatro da manhã



Thomas Ostermeier, que dirige a Schaubühne Berlin desde 1999, é um dos mais cotados (e desejados) encenadores europeus, tendo encenado alguns espectáculos que se tornaram referências obrigatórias na criação teatral contemporânea. Peças como *Hamlet* e *Ricardo III* (Shakespeare), *Um inimigo do povo* (Ibsen), ou *A gaivota* (Thecov) — que revelam uma apetência pelo teatro de texto, quer se trate de clássicos ou de contemporâneos — tornaram-se ‘clássicos modernos’, pela forma como o encenador tem trazido novas roupagens a peças tidas como ‘sagradas’, incutindo-lhes uma abordagem contemporânea e aproximando-as dos nossos dias. A relação de Ostermeier com o Festival remonta ao final da década de 90, quando

ainda dirigia a Baracke do Schauspielhaus de Hamburgo, e apresentou *Disco Pigs*, de Enda Walsh, no Fórum Romeu Correia. Seguiu-se uma carreira fulgurante, tendo regressado a Almada, já como director da Schaubühne, com peças como *Susn*, de Herbert Achternbusch; *A gaivota*, de Tchecov; e *ödipus*, a partir de Sófocles.

Apresentada na Sala Principal do TMJB, amanhã e quinta-feira, *História da violência*, a partir do romance de Édouard Louis, constituiu um êxito logo aquando da sua estreia, em 2018. Num registo autobiográfico, sem concessões nem subterfúgios, é-nos relatada a violação de que o escritor francês foi vítima, ao mesmo tempo que se ajustam contas com o passado colonial francês e se descreve a

forma como a extrema-direita conquistou terreno junto da população que até aí votara na extrema-esquerda desse país.

Nesta peça, estamos em Paris, às quatro da manhã: após um jantar de Natal, Édouard encontra Réda. Os dois acabam a noite no apartamento de Édouard. Riem, fazem amor. De manhã, o telemóvel de Édouard desapareceu. Subitamente agressivo, Réda lança-se sobre ele, agride-o e viola-o. Ferido e traumatizado, Édouard acaba por descobrir — junto da polícia, do corpo médico, mas também da sua irmã, a quem conta o sucedido — uma outra violência, disfarçada, que consiste no racismo e na homofobia. A partir deste relato autobiográfico, Thomas Ostermeier realizou uma adaptação altamente tensa, estruturada como um mosaico, para melhor retratar a onnipresença do ódio em relação ao outro e à diferença — seja ela social ou sexual.

Segundo Ostermeier, na origem deste espectáculo esteve a adaptação para teatro que realizara de *Regresso a Reims*, de Didier Eribon. Eribon foi não só professor e mentor de Édouard Louis, mas também, de certa forma, uma sua alma gémea: os dois autores têm as mesmas origens, provindo da classe operária da província francesa. Os dois passaram pelas mesmas experiências humilhantes, por crescerem como jovens *queer* num contexto profundamente machista, e os dois tiveram a mesma necessidade de escapar à violência e à rigidez moral das suas famílias. *História da violência* tem arrebatado o público e a crítica dos vários países por onde já passou: “A força da peça deixa o público sem fôlego” (in *Süddeutsche Zeitung*); “A violência encarna, habita, e atravessa os corpos” (in *Le Monde*); “Uma produção simplesmente espantosa” (in *New York Times*).

Victor Hugo Pontes amanhã na Esplanada

O coreógrafo de *Há qualquer coisa prestes acontecer* vai estar amanhã à conversa com o público, numa sessão moderada por Patrícia Cividanes. Presença habitual em Almada (mas pela primeira vez no Festival), Victor Hugo Pontes, nascido em Guimarães, é um dos mais destacados coreógrafos portugueses. A sua carreira começou a despontar a partir de 2003, quando dirigiu *Puzzle*. Desde aí, vem consolidando a sua marca coreográfica a nível nacional e internacional, tendo vencido o 1.º prémio na 2nd International

Choreography Competition Ludwigshafen. Várias das suas criações foram nomeadas e premiadas nos prémios da Sociedade Portuguesa de Autores. É desde 2009 o director artístico da estrutura de criação portuense Nome Próprio, com a qual se apresenta agora no Festival. A propósito da criação que traz esta noite ao Palco Grande, afirmou ao jornal *Público*: “Esta peça só é possível porque vivemos em liberdade, e mesmo isso já está a ser questionado”. Eis um bom mote para o colóquio de amanhã.



A arte torna-se urgente

“Ser actor é aquilo que eu sou. É a minha maneira de estar no mundo”. Diogo Infante até mentiria se não dissesse que o teatro é a sua casa “como uma segunda pele”. Horas depois de subir ao Palco Grande da Escola D. António da Costa com a última réplica da peça *Telhados de Vidro*, o actor, encenador e director artístico do Teatro da Trindade despiu a pele para uma conversa franca e cúmplice ao lado de Tito Lívio, seu ex-professor de dramaturgia na ESCT, e espectador atento do seu percurso. São amigos, percebe-se, e isso transbordou para o diálogo com o público, numa brisa de afectos que percorreu a Esplanada e que o levou a sublinhar a vontade de trabalhar textos de autor como forma de democratizar o acesso ao teatro: “Não é preciso fazer um tea-

tro facilitador para chegar ao grande público, ou a muito público”. Em seguida acrescentou que: “Vivemos tempos muito assustadores; é importante espicaçar e agitar as consciências. A arte torna-se urgente”.

Mesmo que um telemóvel toque, e seja atendido, no preciso instante em que Diogo Infante nos acaba de contar sobre aquela noite em que saltou 12 páginas de um texto, perturbado pelas luzes de um outro aparelho. A história é mais longa e fez sorrir a plateia que o foi ouvir ao final da tarde de ontem, ao ponto de o crítico e jornalista Tito Lívio confessar que, por descuido, também o seu telemóvel tinha tocado na noite anterior, durante o espectáculo. É caso para dizer: quem não tiver telhados de vidro, que atire a primeira pedra.

TERESA DIAS MENDES



© Pedro Castanheira

Agenda de Amanhã

**CONVERSA COM
VICTOR HUGO PONTES**
Esplanada — 18H00

AS AVES
CCB — 20H00

PLASTICINE
Esplanada — 20H00

HISTORY OF VIOLENCE
TMJB — 21H30

UM ADEUS MAIS-QUE-PERFEITO
TMJB — 21H30

**A CASA MORREU — DIÁRIO
DE UMA REPÚBLICA III**
Academia Almadense — 21H30

Restaurante da Esplanada

HOJE

Legumes recheados
Choco frito com salada russa
Caril de grão com arroz de gengibre

AMANHÃ

Tagine de frango
Dourada no forno
Noodles com couve roxa e couve-flor

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival

Quixote de Honra entregue no Fórum

Ontem à noite, no Fórum Municipal Romeu Correia, foi entregue pela Presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, o Quixote de Honra à Compagnia Marionettistica Carlo Colla & Figli, de Itália, por ter vencido a votação do público no ano passado, com o espectáculo *La Tempesta*. Quem recebeu a distinção do público do Festival foi marionetista Piero Corbella, que nos agradecimentos referiu o privilégio que teve em contactar com dois grandes mestres: Eduardo De Filippo e Eugénio Monti Colla. Inês de Medeiros manifestou a sua satisfação por o público ter elegido um espectáculo de uma companhia pela qual tem grande admiração, e que já programara na época em que dirigiu o Teatro da Trindade. Participaram na entrega do prémio o director artístico do Festival de Almada e Stefano Scaramuzzino, adido cultural da Embaixada de Itália.



© Pedro Castanheira